

Artigo de Esquina - som e memória entre as ruas e as redes sociais

Corner item – sound and memory between the streets and social media

Luiz Henrique Assis Garcia

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: lhag@ufmg.br

 C.V. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6363095991840726>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0539-4566>

Gabriel Barreto

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: ganbsa@ufmg.br

 C.V. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3455304301692368>

Lara Prado

Instituição de Vínculo do autor

E-mail: larapc@ufmg.br

 C.V. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7606630511973400>

Recebido em: 15/09/2025

Aprovado em: 24/10/2025

RESUMO

O presente artigo, fruto de um interesse conjunto nos temas e de pesquisa e vivências dos autores, visa apresentar parte de um estudo sobre atividades que se concentraram na esquina entre as ruas Divinópolis e Paraisópolis, no bairro de Santa Tereza, Belo Horizonte, notoriamente associada ao coletivo de músicos predominantemente mineiros nomeado Clube da Esquina desde a década de 1970. Considerando o peso que ganharam dentre estas atividades de caráter informal, optamos aqui por apresentar uma análise dos registros em redes sociais digitais sobre lugares do entorno que consideramos em suas diferentes "encarnações": Godofredo Bar Musical, depois Bar do Museu Clube da Esquina; Clubinho da Esquina, depois Travessia. Nossa opção foi selecionar, dentre os registros digitais, aqueles que nos davam uma noção da construção do ambiente e, a partir disso, pensar como o Clube da Esquina foi utilizado em sua concepção. Dentro de uma perspectiva da história cultural, tais fontes conjugam imagem, texto e som (ainda que neste caso, predominantemente, de modo indireto), permitindo-nos evidenciar como a articulação entre digital e presencial pode gerar um impacto na apreensão do espaço urbano. Concluímos que a construção de memória social e sentidos de lugar que embasam uma percepção informal de herança, e, eventualmente, a patrimonialização de objetos aurais, como é o caso da música popular, precisa ser compreendida dentro da articulação entre a experiência do espaço urbano e a das redes sociais em meio digital.

PALAVRAS-CHAVE

Música popular; Patrimonialização; Redes sociais; Espaço urbano; Clube da Esquina

ABSTRACT

This article, the fruit of a joint interest in the themes and of the authors' research and experiences, aims to present part of a study on activities that were concentrated on the corner between Divinópolis and Paraisópolis streets, in the Santa Tereza neighbourhood of Belo Horizonte, notoriously associated with the group of musicians predominantly from Minas Gerais known as Clube da Esquina. Considering the weight they have gained among these informal activities, we have chosen here to present an analysis of the digital records of places in the surrounding area that we consider in their different 'incarnations': Godofredo Bar Musical, then Bar do Museu Clube da Esquina; Clubinho da Esquina, then Travessia. Our choice was to select, from among the digital records, those that gave us a sense of the construction of the environment and, from there, to think about how Clube da Esquina was used in its conception. From a cultural history perspective, these sources combine image, text and sound (although in this case, mainly indirectly), allowing us to show how the articulation between digital and face-to-face can have an impact on the apprehension of urban space. We conclude that the construction of social memory and senses of place that underpin an informal perception of heritage, and eventually the patrimonialisation of aural objects such as popular music, needs to be understood within the articulation between the experience of urban space and that of digital social networks.

KEYWORDS

Popular music; Patrimonialisation; Social networks; Urban space; Clube da Esquina

O presente artigo, fruto de um interesse conjunto em temas de pesquisa e vivências dos autores, visa apresentar parte de um estudo sobre atividades que se concentraram na esquina entre as ruas Divinópolis e Paraisópolis, no tradicional e boêmio bairro de Santa Tereza, Belo Horizonte, notoriamente associada à formação cultural Clube da Esquina (Garcia, 2000; Garcia, 2007), agremiação musical originada no auge dos festivais dos anos 1960s. Há algum tempo, temos investigado as formas pelas quais sua obra foi percebida como patrimônio cultural em diversos lugares da cidade de Belo Horizonte por ações com caráter mais institucionalizado que partiram do Museu Clube da Esquina (a partir de agora também referenciado como MCE), por meio de placas e de exposições museológicas (Garcia, Paranhos, 2016; Garcia, Públio, Santana, 2022). Desde a publicação do livro de Márcio Borges em 1996, passando por iniciativas do MCE iniciadas em 2004, ganharam peso atividades memoriais de caráter informal. Assim, por outra via, começamos um estudo¹ sobre as formas não-institucionalizadas dessa rememoração que atribui valor e sentido como herança ou legado, apoiados em sociabilidades que vinculam uma comunidade de músicos e ouvintes ao Clube da Esquina, seja por expressões aurais, a partir da reprodução e apreciação de seu repertório de canções, seja por imagens, impressões de fotos fixadas em bares que surgiram no entorno dessa esquina, ou mesmo em postagens em redes sociais da internet, onde quer que se concentre alguma forma de atividade memorial.

De acordo com o foco adotado neste artigo, optamos aqui por apresentar uma análise dos registros digitais sobre bares do entorno que consideramos em suas diferentes "encarnações": Godofredo Bar Musical, de 2010 a 2015, depois Bar do Museu Clube da Esquina (localizados à rua Paraisópolis, 738); Clubinho da Esquina, de 2017 a 2022, depois Travessia (localizados à rua Divinópolis, 215). Dentro de uma perspectiva da história cultural, tais fontes conjugam imagem, texto e som (ainda que neste caso, predominantemente, de modo indireto), permitindo-nos evidenciar como a articulação entre digital e presencial pode gerar um impacto na apreensão e rememoração do espaço urbano.

Escolhemos, para cada bar, fontes que pudessem nos dar uma perspectiva mais aprofundada de sua caracterização pelos usuários e narrativas particulares que

¹ Pesquisa de mestrado "Sonho no chão": uma cena musical belo-horizontina, o Clube da Esquina e a construção da cidade vivida, conduzida por Gabriel Barreto e orientada por Regina Helena Alves da Silva, no PPGH-UFMG.

evidenciaram a experiência cultural no relato dos sujeitos. Para tanto, foram selecionadas a página de avaliação do Godofredo no Facebook, as páginas do Tripadvisor do Godofredo e do Bar do Museu, o documentário A Nova Velha Esquina, da produtora Música aos Montes, disponível no Youtube e a página de Instagram dos bares Clubinho e Cais. Destacamos, dentre os registros digitais, aqueles que davam a ver a organização do espaço, a presença e posição de um palco e a decoração (com destaque para quadros, fotografias e registros audiovisuais de performances musicais), enfim, aqueles que evidenciavam a percepção dos internautas sobre o ambiente e de que maneira ele estava relacionado ao Clube da Esquina. Seguimos algumas narrativas pessoais sobre os lugares a partir de avaliações feitas na plataforma Tripadvisor e de vídeos disponíveis na plataforma Youtube, tentando apreender melhor os efeitos subjetivos que esses lugares causaram.

Se, atualmente, podemos mensurar tal impacto através das ferramentas de avaliação, como as páginas geradas pelo próprio buscador Google, TripAdvisor, FourSquare e outras, é porque elas apostam na opinião dos usuários para gerar uma espécie de guia das cidades, captando as associações simbólicas proporcionadas pelo ambiente aos frequentadores - sejam seus habitantes ou turistas - assim como os efeitos da ambiência. Esses sites são uma faceta de um novo paradigma de memória e comunicação social urbana, já que, juntamente com as páginas e grupos de Facebook e os perfis de Instagram, deixam um acervo público e colaborativo de relatos, imagens e vídeos, disponível a uma gama enorme de pessoas através de poucos cliques, possibilitando conhecer melhor um lugar antes mesmo de se deslocar para lá; atualizam-se, assim, práticas comunicacionais que, se antes feitas pessoalmente, no "boca-a-boca", hoje são mediadas por essas plataformas de forma mais publicizada.

Precisamos, portanto, considerar as implicações da internet para a memória social, trazendo à tona as modificações trazidas com a transição da web 1.0 para a web 2.0 e como isso impactou as formas de apreensão do social por meio do digital, como também vamos desenvolvendo em outra pesquisa². Nesse contexto, se entendermos a memória social como um processo coletivo de seleção, interpretação e compartilhamento, podemos refletir melhor sobre como esses novos tempos digitais estão reconfigurando as dinâmicas de construção e circulação das lembranças. Le Goff (2003) destaca que a memória social se

² Pesquisa de mestrado sobre o Grupo de Facebook Memórias de Cambuci, abordando as questões de memória social em um ambiente digital em um município sem Instituições de Memória Local, conduzida por Lara Prado e orientada por Luiz Henrique Garcia, no PPGCI-UFMG.

organiza em torno de símbolos e narrativas. Isto é algo possível de se observar nas redes sociais, onde registros como fotografias antigas, vídeos e relatos pessoais são reunidos e interpretados para reforçar laços comunitários e preservar histórias locais. Assim, essas redes não apenas ampliam o alcance da memória social, mas também transformam a maneira como ela é produzida, representada e compartilhada, evidenciando o papel das tecnologias digitais na preservação e reconfiguração das identidades coletivas (Santos, 2003).

As redes sociais, fruto da transformação trazida pela Web 2.0, marcaram uma era de interação colaborativa e criação de conteúdo, rompendo com a passividade característica da Web 1.0. Nesse contexto, o Facebook, criado em 2004, consolidou-se como um dos principais atores dessa nova fase da internet, reunindo mais de 3 bilhões de usuários globalmente, sendo cerca de 109 milhões brasileiros em 2023, o que faz do Brasil o quarto país com maior número de usuários (Haas, 2023). Suas ferramentas, como publicações, reações, comentários, grupos, páginas e o marketplace, moldaram não apenas formas de interação digital, mas também práticas culturais e sociais, configurando-se como um dos principais exemplos da plataformização.

A plataformização, como destaca D'Andrea (2020), reorganiza práticas sociais e culturais por meio de infraestruturas tecnológicas que mediam as interações. No caso do Facebook, grupos específicos tornam-se espaços de construção e compartilhamento de memórias, configurando comunidades virtuais com interesses comuns. Essas comunidades possibilitam que narrativas locais e individuais sejam integradas a um ecossistema digital mais amplo, ampliando o alcance e o compartilhamento de memórias. De Almeida e Cardoso (2018) sugerem que ferramentas como "Neste Dia" (ferramenta que apresenta aos usuários, de forma personalizada, lembranças e publicações feitas na mesma data em anos anteriores, incentivando a recordação e o compartilhamento) e grupos dedicados à memória coletiva podem ser entendidos como "lugares de memória", no sentido proposto por Pierre Nora, por reunirem elementos materiais, simbólicos e funcionais com a intenção explícita de rememorar.

No entanto, não podemos deixar de ressaltar que essa apropriação da plataforma para práticas memoriais enfrenta desafios, como as limitações impostas pelas regras da própria rede social e o impacto comercial e político que molda suas dinâmicas. As redes sociais se

mostram como espaços dinâmicos de memória, refletindo a constante transformação das práticas sociais na era digital. No entanto, essa potencialidade é acompanhada de desafios significativos. O Facebook, por exemplo, oferece ferramentas que permitem o compartilhamento e a preservação de memórias, mas a lógica comercial que sustenta a plataforma prioriza conteúdos de maior engajamento (postagens ou comentários com mais respostas), muitas vezes em detrimento de outras narrativas. Dessa forma, conteúdos que contêm discordâncias acaloradas, críticas incisivas ou até mesmo ataques pessoais tendem a ganhar mais visibilidade na plataforma, influenciando a dinâmica das interações e a forma como determinadas memórias são construídas e disseminadas. Essa estrutura pode distorcer memórias, marginalizar vozes e comprometer a sustentabilidade das práticas memoriais, já que alterações nos algoritmos ou políticas de moderação de conteúdo podem apagar dados ou limitar o acesso.

A dependência de infraestruturas privadas como espaços de memória levanta questões sobre autonomia e ética, especialmente diante de mudanças polêmicas nas políticas de moderação de conteúdo. Essas decisões são mercadológicas e tecnológicas, mas também são políticas, pois refletem interesses que podem favorecer determinados grupos enquanto silenciam outros. Ao comprometer a segurança e a representatividade de comunidades marginalizadas, tais políticas evidenciam a necessidade urgente de um olhar crítico sobre o poder das plataformas na definição dos limites éticos no ambiente digital. Embora o tema ainda seja recente e suscite debates, é fundamental destacá-lo, pois mostra como iniciativas privadas, ao priorizarem interesses econômicos e alinhamentos políticos, muitas vezes negligenciam o compromisso com a verdade, a justiça e até mesmo a preservação da memória.

Nesse cenário, é fundamental repensar o papel das redes sociais como locais de memória e desenvolver estratégias complementares e autônomas que garantam a preservação de narrativas de maneira mais inclusiva e resiliente. A construção de memórias não deve ser limitada pelas dinâmicas de mercado das plataformas, mas orientada por valores que priorizem direitos humanos, diversidade e sustentabilidade.

A relação entre memória e redes sociais, como o Facebook, ou o site de viagens TripAdvisor, portanto, abarca a prática individual de compartilhar lembranças e também a articulação de comunidades que constroem coletivamente narrativas identitárias. Grupos

dedicados à memória local, por exemplo, transformam a plataforma em um espaço de rememoração conjunta, potencialmente contribuindo para o fortalecimento de laços sociais e culturais. Nesse caso que analisamos temos diversos casos do anúncio e, inclusive, da repercussão de eventos acontecidos nesses bares em grupos que têm o Clube da Esquina como temática.

Tais grupos e postagens juntam pessoas de diversos lugares do Brasil e, quiçá, do mundo e que gostam de Clube da Esquina; essas pessoas compartilham vídeos antigos, trazidos de outras mídias para o digital, fotos, trechos de entrevista, repercutem postagens atuais das páginas oficiais de integrantes do Clube e, também, vimos casos em que as pessoas republicavam anúncios de shows no Godofredo, ou no Bar do Museu, colocando também fotos ou vídeos tomados durante o evento. Reforçando, desse modo, a conexão simbólica que estabelecemos anteriormente entre esses lugares e essa agremiação de músicos. Por isso pretendemos, nas considerações finais, discutir as implicações dessas mudanças na esquina para uma apreensão geral do que foi/é o Clube da Esquina, revisitando algumas ideias já desenvolvidas anteriormente sobre este tema (Garcia, 2007). Entendemos que a construção de memória social e sentidos de lugar que embasam uma percepção informal de herança, e, eventualmente, a patrimonialização, precisa ser compreendida dentro da articulação entre a experiência do espaço urbano e a das redes sociais em meio digital.

Entre fotos, vídeos e comentários, a constituição dos lugares

Na mesma casa e endereço, o Godofredo Bar Musical foi sucedido pelo Bar do Museu Clube da Esquina. São como primos, filhos de pais diferentes mas aparentados em seu conceito de bar com música ao vivo e, principalmente, por uma grande presença de elementos da cultura material que nos lembram daquela turma que ficou conhecida como Clube da Esquina. Ambos apostaram em uma iconografia carregada de fotos desse grupo em seu interior, herdada de procedências variadas. Mas eles têm detalhes que demarcaram sua distinção para além da mudança de nome e proprietário. O Godofredo fez escolhas que refletiam a personalidade de um dos sócios, Gabriel Guedes, que batizou o estabelecimento com o nome de seu avô paterno, prolífico compositor mineiro cuja obra ficou conhecida pelo público mais amplo pelas gravações de Beto Guedes, por sua vez pai de Gabriel. Por outro lado, o Bar do Museu optou por trazer à tona a aparência de um museu do Clube, enfatizando

essa carga memorial ao máximo, por vezes aproveitando sobras de exposições temporárias organizadas pelo Museu Clube da Esquina (MCE).

Após um desentendimento entre Gabriel e sua sócia, ele manteve o bar por algum tempo, mas encerrou as atividades em 2015. Então pedimos que você, leitor, faça conosco o seguinte exercício de imaginação a partir das imagens que constam na página do lugar³, ferramenta da plataforma Facebook para agregar fotos tiradas em um ponto da cidade que se torna uma espécie de álbum coletivo de fotos e vídeos. Abra a primeira imagem, em hipertexto nas notas de rodapé⁴, e vamos juntos: o ano era 2012 e você foi com um grupo de amigos nesse Godofredo Bar Musical; te recomendaram esse estabelecimento porque sabem que você gosta de um ambiente com música ao vivo. Chegando lá, você dá uma boa olhada em volta e percebe diversos instrumentos na parede, quadros, montagens de fotos plotadas, pôsteres, partituras e aviões de madeira pendurados no teto, além de uma área central onde os músicos da noite se preparam para fazer um som com um violão, dois pianos, uma guitarra, um baixo, dois microfones e uma aparelhagem de amplificação.

Estes elementos materiais e visuais constam, também, na maior parte dos recortes fotográficos que nós conseguimos obter tanto de postagens no Facebook⁵, quanto nas publicações feitas em blogs⁶, indicando certa permanência temporal deles durante a existência do bar (2010 a 2015). Uma concepção de decoração, a ideia de que estamos em um lugar cheio de música. Nesta página de fotos agregadas no Facebook vemos algo além das fotos em turma, onde as pessoas são o foco principal: vemos as fotos e vídeos que mostram esse ambiente e percebemos, aí, um padrão interessante: todos esses registros, querendo ou não, mostram elementos que remetem a um Clube da Esquina que se faz sempre presente.

Podemos pensar nos instrumentos, alguns mais gerais como o violão e a guitarra, mas que estão compostos com o bandolim, marca registrada da família Guedes e que esteve

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Godofredo%20Bar/205443872821576/>. Acesso em 29 jun. 2025.

⁴ Valéria Grossi, Rodrigo Borges e Gabriel Guedes. A segunda geração do clube da esquina!, 2012. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=423984050992625>. Acesso em: 20 mai. 2025.

⁵ Ver a página Santa Tereza Tem, além de seus perfis no Facebook e no Youtube, que contam com vastíssimo registro do lugar

⁶ Ver as páginas: https://restaurantguru.com.br/Godofredo-Bar-Belo-Horizonte#google_vignette; <https://augustonobuteco.wordpress.com/2010/10/29/241010-godofredo-bar/>.

presente em inúmeras gravações da época do Clube da Esquina, remetendo a sonoridades particulares que essa turma desenvolveu como o rock com bandolim. Há, também, os painéis de fotos, que mostram não somente de imagens dos momentos emblemáticos dessas histórias que compõe o grupo⁷, mas em sua maioria do cotidiano desses músicos, de seus momentos diversos na vida; reunidos e com outras pessoas (amigos e familiares) em cenas casuais, umas retratando a música como elemento de união⁸, outras reforçando a ideia de amizade pelo abraço, pelo conviver, pelo estar perto⁹.

Ao mesmo tempo, podemos nos atentar a outro painel¹⁰ e perceber que os elementos nos remetem mais ao próprio Gabriel do que a um grupo. É significativa, por exemplo, a mistura de elementos diferentes nessa montagem: ele próprio sozinho e com bebês (que presumimos serem suas filhas), o bandolim com as inscrições GG (o que pode remeter tanto a Godofredo Guedes, seu avô, quanto a ele próprio, também bandolinista), partituras, imagens de Johann Sebastian Bach, Belchior. Esses elementos, a princípio desconexos, se juntam em uma ideia de uma personalidade múltipla, constituída com base na família e na música (essa que é extremamente diversa em lugar e temporalidade).

No balcão, pelo menos nesta foto de 2014¹¹, vemos Gabriel Guedes segurando seu CD, alguns ímãs com capas de discos, principalmente dos integrantes do Clube da Esquina, copos, uma geladeira com aqueles mesmos ímãs, uma foto de Godofredo Guedes e seu nome em um adesivo colado na parede, instrumentos, aviões, partituras coladas embaixo de um balcão pintado ou adesivado como um piano, luzes coloridas (do mesmo tipo que enfeitam o bar), além de outros objetos funcionais que outros bares também têm. Ou seja, como adiantamos anteriormente, essa variedade enorme pode nos remeter a um bar que, além de ter uma presença enorme desse Clube, espelha uma identidade, a do próprio Gabriel,

⁷ Kayete Kaka, Painel do Godofredo, 2015. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10153548172404012>. Acesso em: 20 mai. 2025.

⁸ Angela Monteiro, Painel do Godofredo, 2013. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=666248133403077>. Acesso em: 20 mai. 2025.

⁹ Normanda Bicalho, Painel do Godofredo, 2013. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=164262400437238>. Acesso em: 20 mai. 2025.

¹⁰ Angela Monteiro, Painel do Godofredo, 2013. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=666248243403066>. Acesso em: 20 mai. 2025.

¹¹ Santa Tereza Tem, Gabriel Guedes, 2014. Disponível em:

<https://www.facebook.com/SantaTerezaTem/photos/a.844151952268756/844152022268749>. Acesso em: 20 mai. 2025.

misturando diversos elementos importantes para ele e dando certo ar intimista, como se estivéssemos entrando em sua casa.

Esta mesma palavra “intimista” é usada em pelo menos cinco comentários da web para se referir ao palco, ao bar e aos shows; o mesmo pode ser falado da palavra “aconchegante”, que apareceu em três avaliações do Tripadvisor. Esse misto, de fundir a mundanidade da rua e a intimidade do lar dentro do bar é, de certo modo, o outro lado da ideia de transferir para a esquina essa sociabilidade próxima e familiar, reforçada pela apropriação do vocábulo “clube” feita no passado pela consagrada agremiação de músicos.

Esse bar, portanto, embora com uma ligação forte com o Clube da Esquina, inclusive por causa da família de um dos seus fundadores, não foi um lugar dedicado exclusivamente a essa turma musical, mas antes a adotou como uma parte fundamental de sua concepção e, inclusive, de seu funcionamento. Dentro das fotos e vídeos na página do lugar, no Facebook, vemos diversos anúncios de shows na casa que divulgavam tocar as canções do Clube; ao mesmo tempo, a página do Youtube de Luciane Mendes¹², sócia de 2010 a 2013, tem um vasto acervo de vídeos com outros gêneros musicais, mostrando esse lugar central, embora não exclusivo, que o Clube teve. Não nos espanta, portanto, que pouco a pouco o Godofredo tenha se tornado uma referência para aquelas pessoas que buscavam mais sobre o Clube da Esquina na cidade.

Já nas imagens que mostram o interior do, agora, Bar do Museu, localizamos não somente uma continuidade na simbologia, ou na atmosfera, de um Clube da Esquina, mas até certos objetos que constavam no Godofredo seguem nas paredes. Os painéis com fotos são o exemplo mais forte que temos dessa permanência, podemos até achar imagens em comum, em uma ida ao bar é possível avistar quatro deles, três no interior do bar, mesmo lugar onde era o Godofredo, um na escada de acesso ao andar de cima da casa. Seguindo nossa hipótese anterior da mudança de foco, é notável a falta daquele painel das fotos de Gabriel Guedes já que, afinal, o bar agora tem uma centralidade no Clube.

Figura 1: Painéis de fotos no interior do Bar do Museu Clube da Esquina

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/@738godo>. Acesso em: 20 mai. 2025.



Fonte: Gabriel Barreto

Por outro lado, em uma das fotos mais antigas colocadas na página pela própria gerência do estabelecimento (agosto 2016), vemos um elemento da antiga concepção do Godofredo que ficou, os aviões, representados por uma réplica do avião 14 bis que fica sobre o balcão. Contudo, ele não estava no momento da visita feita recentemente e, na verdade, ele não aparece nem em imagem publicada por Fernanda Lara três meses antes, em abril, o que mostra que, talvez, essas fotos tenham sido tiradas antes da inauguração do estabelecimento, tendo mudado de ideia para corresponder melhor à concepção. Os aviões, feitos de madeira, uniam duas marcas importantes da família Guedes, os aviões e a marcenaria, traços que são quase tidos como heranças geracionais; tirá-las, em detrimento de uma ideia de um Clube síntese, sem as particularidades individuais, parece ter sido uma escolha para destacar menos uns ou outros, mas sim um coletivo - mesmo que desponte a figura de Milton Nascimento, tido como a figura central e agregadora em inúmeras narrativas, contadas pelos próprios membros, que encontramos por aí.

Talvez isso fique mais claro olhando para a exposição que, a partir de 2022, está localizada em salas acessadas pelo pátio interno do bar, denominado Estação das Artes. A mostra “Porque se Chamavam Sonhos”, que inicialmente foi exposta na galeria do Centro Cultural do Minas Tênis Clube em 2022 com o nome “Viagem de ventania – Trilha sonora dos tempos”, foi montada de forma ilustrativa, sempre aludindo a elementos das narrativas

sobre o Clube; ela contém elementos cenográficos, livros, discos e painéis com imagens e textos. Ela também conta com instrumentos cedidos por músicos com alguma ligação ao Clube, como um baixo de Gabriel Guedes, mas esses itens são exceções; em maior medida o que há são reproduções iconográficas e objetos que fazem menção a momentos das histórias desse grupo e, principalmente, ao livro de Márcio Borges, creditado como idealizador. Certamente o viés memorialístico, marcante em seu livro *Os sonhos não envelhecem* (Borges, 1996), nesta exposição adaptada de uma galeria para uma parte da casa confirma seu efeito para compor a ambiência que acomoda o público frequentador nesta evocação constante ao Clube e seus protagonistas.

Se na época do Godofredo, outras figuras do Clube estavam incluídas nas fotos que contam essa história e fossem presença frequente naquele bar¹³, espaço que se apresentava como um lugar íntimo, da família Guedes, com a mudança abriu-se um pretense museu de todo o Clube da Esquina, paradoxalmente perdendo essa característica doméstica, que é um traço marcante da própria turma. Essa agremiação, como atestado pelas memórias de Márcio Borges (1996), forjou-se também na convivência dentro de casa, a partir de ensaios e de festas, integrando família e amigos em um só agregado.

O Bar do Museu adquiriu assim uma apresentação visual que traz em sua decoração elementos que remetem a grande parte dos integrantes - embora, por sua centralidade, Milton Nascimento adquira uma posição de destaque. Há mais referências à rua, à esquina, espaço que serve como metáfora do encontro das pessoas em sua pluralidade (Garcia, 2000, 2007).

Por outro lado, mesmo que visualmente consigamos avaliar essas diferenças, os comentários presentes nas páginas de cada bar no Tripadvisor¹⁴ nos indicam que, pelo menos na visão de alguns de seus frequentadores, ambos os espaços evocam semelhantes sensações. "Agora se chama Bar do museu clube da esquina: Uma reforma foi feita o espaço está ainda mais gostoso e aconchegante...", comentário de Heverton Bakyn, ou então "Só

¹³ Veja, como exemplo, matéria sobre a festa de despedida do bar no site Santa Tereza tem. Disponível em: <https://santaterezatem.com.br/2015/04/08/festa-de-despedida-do-godofredo-bh/>. Acesso 15 set. 2025.

¹⁴ Disponíveis em: https://www.tripadvisor.com.br/Restaurant_Review-g303374-d5772627-Reviews-Godofredo_bar_musical-Belo_Horizonte_State_of_Minas_Gerais.html; https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303374-d8178728-Reviews-Bar_do_Museu_Clube_da_Esquina-Belo_Horizonte_State_of_Minas_Gerais.html

mudou de nome e administração... Para ouvir o melhor da música produzida em Minas Gerais com seus autores e compositores, não existe lugar melhor”, comentário de Silvana S, até mesmo “o Bar recupera o espaço (segundo um garçom, foi a casa do Beto Guedes)¹⁵ do antigo Godofredo e nos leva àquela BH nostálgica, cheia de poesia, boa música e encantos!”, de Drialemos. Ou seja, podemos tirar desses comentários a ideia de que, para determinados sujeitos, a massiva presença visual e sonora do Clube da Esquina na composição do espaço, ainda que manifestada de formas diferentes, desperta sensações específicas, como a de aconchego ou a de uma sonoridade própria da música mineira. Claro, nem todas as avaliações sobre essa mudança são positivas. Em uma das páginas do Bar do Museu, na mesma plataforma Tripadvisor, encontramos uma crítica justamente sobre a ideia de que foi perdida uma ideia original e um charme.

Esses elementos associados a um lugar e sua relação com o corpo podem nos remeter à noção de ambiência, vista como um “espaço-tempo qualificado de um ponto de vista sensorial” (Thibaud, 2011, p. 2, tradução nossa). Segundo Jean-Paul Thibaud, a ambiência é resultado do primeiro contato entre nosso corpo e um dado ambiente, antecedendo até mesmo as funções simbólicas de sentido; há, portanto, certo reconhecimento dos padrões sensoriais dos lugares que desencadeia um processo de “sintonizar” a um ambiente que o sujeito faz assim que entramos.

Nesse caso, os elementos que vimos ser persistentes entre um bar e outro, como luzes artificiais quentes, fotos nas paredes e, principalmente, as canções do Clube (se tocadas no volume adequado com a proposta de um bar com música ao vivo, que é conversar e assistir o show, concomitantemente) compõem inicialmente o que pode ser lido como uma ambiência própria que remete ao Clube da Esquina. Essa sensação já foi, inclusive, percebida como algo específico na avaliação de Mironcesar, “Imperdível pra quem quer sentir o clima do Clube da Esquina”, ou o de Maylane M, “ambiente mágico, como se compartilhássemos a mesa com os meninos do clube da esquina”.

Descendo um pouco na rua Paraisópolis, realmente em sua esquina com a rua Divinópolis, encontrávamos, pelo menos desde de 2017, o Clubinho da Esquina, bar idealizado e gerenciado até 2022 pelos primos Rai Medrado e Marcinho. O lugar, que antes

¹⁵ Informação que não procede, mas que sugere a invenção espontânea de uma ligação mais antiga e forte entre o Clube da Esquina, do qual a família Guedes participa, e aquele lugar.

era uma longa mercearia, teve uma proposta bem diferente do Godofredo e do Bar do Museu: ponto de encontro entre músicos amigos e conhecidos, embora recebesse muitas outras pessoas de fora da música, onde a música era tocada de forma informal. Ou seja, a música começava de forma espontânea, diferente da programação dos outros dois bares.

Esse nome, Clubinho da Esquina, já é extremamente denotativo da influência e da presença de um Clube da Esquina em seu funcionamento. Isso somente foi reforçado pela logomarca criada para o estabelecimento, uma releitura da capa do disco Clube da Esquina 2, de 1978, mas retratando os garotos da foto, já novos, como bebês¹⁶. Esse período foi intenso em encontros, mas deixou poucos rastros facilmente acessáveis nas redes, acreditamos que devam estar espalhados por perfis individuais no Instagram, dentro de arquivos de stories (ferramenta que permite ao gerenciador da página visualizar a qualquer momento coisas que foram disponibilizadas para o público somente por um período de 24 horas). Talvez isso aconteça justamente porque esse bar não era tão formal quanto os outros, funcionando como um ponto de encontros onde vai quem conhece ou fica conhecendo.

De qualquer forma, conseguimos algumas fotos e registros por dois meios principais: a página oficial do bar no Instagram, @7__ventos¹⁷, que publicou algumas fotos mostrando a composição visual do lugar com as suas decorações, tornando possível indicar uma atmosfera correspondente. Por outro lado, o canal de Youtube da produtora musical Música aos Montes publicou um mini-documentário sobre o Clubinho chamado "A nova velha esquina"¹⁸, filmando depoimentos, conversas, comemorações e cenas do cotidiano do bar; as filmagens foram tomadas em um espaço de tempo relativamente curto, mas são muito ricas para compreender as relações estabelecidas entre seus donos, seus frequentadores, o espaço e o Clube da Esquina.

O interior do Clubinho seguia uma linha similar à do Godofredo, se adaptando ao tamanho menor, mas com diferenças muito claras. Tinha referência ao Clube da Esquina,

¹⁶ Essa logomarca é encontrada nos vídeos dos quais falaremos mais adiante, do Música aos Montes, mas rendeu até uma camiseta, feita pelos próprios amigos que lá frequentavam. Toda série disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLddfEHY6XAUEipRhmlF9ATEYeOpxvs_LP. Acesso em: 20 mai. 2025.

¹⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/7__ventos/#. 20 mai 2025.

¹⁸ Idealização: Carol Figueiredo. Filmagem: Carol Figueiredo e Dan Oliveira. Roteiro: Carol Figueiredo. Direção: Carol Figueiredo. Edição: Wes Maldonado. Produzido por: Música aos Montes. Filmado em fevereiro de 2020, no clubinho da esquina (Bar do Rae).

instrumentos musicais e referências ao mundo da música, quadros, vinis; ao mesmo tempo encontrávamos nele muitas peças misturando função e signo, trapizongas usando peças do cotidiano (e do cotidiano musical principalmente), no maior estilo de bricolagem. Podemos ver dois exemplos nas fotos que mostram o banner do disco Clube da Esquina, de 1972, onde uma luminária e um espelho, esse feito com teclas de piano, dão cara ao ambiente. Esses exemplares passam uma ideia da atmosfera de um lugar pequeno que tentou agrupar em seu espaço diversas atividades e ideias ao mesmo tempo.

Em outra foto, vemos um elemento que já vimos antes, o balcão de piano do Godofredo Bar Musical; estamos falando de uma continuidade material, de uma sobrevivência que vem de 2015 até 2018, assumindo, dessa vez, outra função, agora mesa para colocar comidas e bebidas. Outra característica bem própria do Clubinho que não vemos nas fotos pode ser vista nos vídeos do Música aos Montes: a parede de assinaturas, repleta de recados das pessoas que por lá passaram e que lá frequentam. Essa parede é outro exemplo de quantas temporalidades e sentidos podiam existir dentro de um mesmo ambiente, presentificando diversas pessoas naquele mesmo espaço através desse vestígio assinado e passando a ideia de um grande volume de pessoas que integram uma turma.

Dentro dos 4 episódios do mini-documentário produzido pela Música aos Montes, podemos perceber diversas coisas marcantes: a presença de figuras do Clube da Esquina e seus familiares, como Lô Borges e Beto Guedes; as canções que marcaram as carreiras dessas mesmas figuras sendo tocadas por representantes de diversas gerações da música mineira; a sensação de proximidade entre as pessoas que diversas dessas cenas transmitem; além daqueles depoimentos, de que já falamos, sobre o significado do Clubinho para seus frequentadores costumeiros.

Os depoimentos apresentam leituras diversas, que demonstram como o Clube da Esquina está presente na atividade sociocultural daquelas pessoas em diversos níveis e como o Clubinho é um lugar atravessado pelo legado daquela formação cultural. Encontramos alguns temas recorrentes nessas falas, como a ideia de que todas as pessoas são amigas, aquilo que Fred Borges (morador do bairro e filho de Telo Borges) chamou de uma fraternidade musical, unidas pela música e pelo Clube da Esquina. Constatamos também uma ideia de certa continuidade simbólica nesses encontros, como visto no depoimento de Rogério Oliveira (saxofonista) que localizou um elo na espiritualidade devotada pelos

participantes, assim como foi entre os membros do Clube a partir da década de 1960. Além disso, outro tema recorrente é o do Clubinho como ponto de encontro tanto de pessoas com interesses em comum, como ressaltou Bianca Luar (cantora), quanto de novas gerações, como reparou Renato Saldanha (violonista).

Sobre o Travessia encontramos mais informações na página oficial do bar¹⁹, que hoje é um café tocado pelos mesmos proprietários e se chama Cais; se os vídeos do Música aos Montes e as avaliações do Tripadvisor deram pra gente certa profundidade sobre o Clubinho, o Bar do Museu e o Godofredo, sobre esse outro bar não achamos nenhuma narrativa de seus frequentadores que demonstrasse as reações das sensibilidades. Aberto no mesmo espaço da antiga venda pelos companheiros Felipe Ferreira e Kyria Rodrigues, donos também do Ateliê Cultura (localizado algumas casas adiante na rua Divinópolis), o bar manteve, a um primeiro olhar, certas similaridades com a proposta do Clubinho, inclusive constatamos nas fotografias presentes na página de Instagram do bar a presença de alguns dos frequentadores que vimos nos episódios do mini-documentário.

Porém, vemos algumas trocas de concepção que são importantes: primeiro é a troca de instrumentos, vinis e outras referências musicais, além das trapizongas, que povoavam as paredes e prateleiras, por itens de cerâmica²⁰; os instrumentos, claro, não sumiram, haja vista as fotos onde eles aparecem sendo tocados ou dentro do bar, mas o foco foi deslocado. Já as atividades, que antes eram informais e, muitas vezes, acústicas, se tornaram amplificadas, somando com a iluminação colorida que se faz presente em vídeos. O Clube da Esquina continuou sendo parte do nome e das atividades musicais, como podemos conferir nos vídeos publicados na referida página do bar.

Começaram, além disso, a usar a esquina vizinha, que ficou conhecida como esquina do Clube, para fazer shows, como no carnaval e o público chegava a ser bem grande. Talvez a maior diferença que vemos do Clubinho para o Travessia seja, na realidade, aquela parede de assinaturas que foi mudada e passou a ser igual às demais do bar; essa mudança não foi imediata, algumas fotos mais antigas no perfil ainda mostram ela, mas aquela presença ausente de uma turma maior, que deixou seu registro no próprio lugar, desapareceu ali,

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/cais.clubedaesquina/>. Acesso em 20 mai. 2025.

²⁰ Gerência do Travessia, Travessia, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChOk8RaO6KK/#>. Acesso em: 20 mai. 2025.

marcando um forte corte. Mesmo que a turma estivesse em peso lá presencialmente, frequentando, o que deixou de existir foi uma marca territorial.

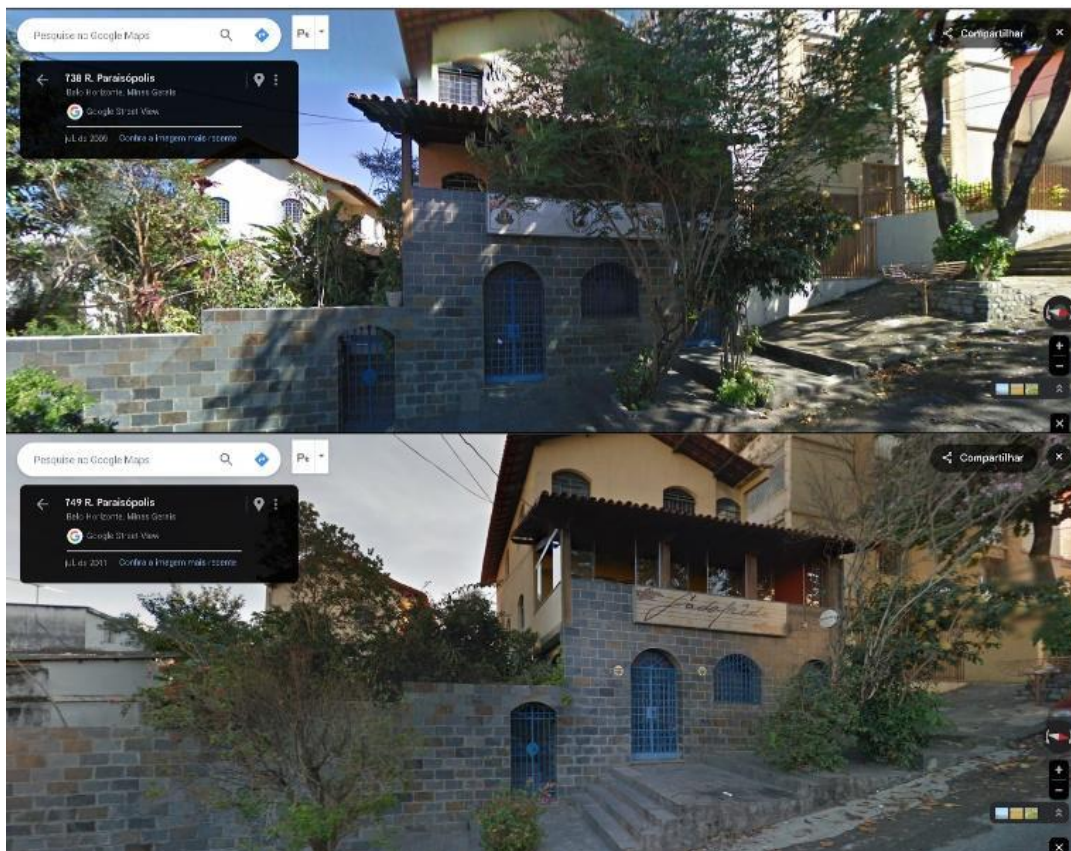
Considerações finais: a mesma esquina, outros tempos

Que os espaços urbanos são constituídos em vários níveis e podem ser analisados de diferentes formas não é uma novidade para ninguém e devemos escolher algumas abordagens através das quais capturamos melhor os fenômenos a serem observados. Olhando agora de dentro para fora das redes, embora as atividades memoriais em torno do Clube tenham tido certa constância pelo menos há duas décadas, falamos de um processo com suas fragilidades.

Podemos tomar como exemplo o próprio Godofredo, aberto em 2010, sucedendo um restaurante chamado "Taberna e Adegas Aldeias de Portugal". Para alguém que passasse naquela rua, em 2009 e depois em 2010, a única diferença perceptível na fachada seria a diferença na placa, que mudou tanto no nome como na estética: enquanto a do restaurante somente dispunha o nome do comércio e tinha, ao lado, a informação de uma marca de cerveja que lá vendiam, a placa do Godofredo já continha uma pauta musical junto ao nome do estabelecimento, demarcando a presença da música nas atividades do bar (Figura 2).

Já na questão do interior e da presença sonora da música ao vivo amplificada por um sistema de som, que faz essa ambiência sonora passar do interior do estabelecimento ao exterior e se afirmar como uma presença territorial por uma área mais extensa (Oosterbaan, 2009), temos uma mudança bem maior - havia algo bem singular no Godofredo. Em 2015, ele encerrou suas atividades, dando lugar ao Bar do Museu Clube da Esquina, que também preservou durante algum tempo a fachada da casa praticamente inalterada, somente há um par de anos exibindo grafites que lembram a turma de músicos e letristas.

Figura 2: Fachada da mesma casa em 2009, imagem superior, em 2011, imagem inferior



Fonte: Google Street View

Essencialmente, a expressão “Museu do Clube da Esquina”, refere-se a uma iniciativa que existiu principalmente na internet. Sua concepção foi prenunciada em *Os sonhos não envelhecem* por Márcio Borges, de quem citamos o relato:

Eu sonhei que estava num museu do Clube da Esquina, de arquitetura simples, mas genial, desenhada pelo Veveco. Tinha um espaço que era réplica da boate Berimbau, onde certa noite de 1964, eu e Bituca, ele com 21 anos, eu com 18, juramos ser amigos para sempre e servir às causas certas com nossa música e nossa arte. (...) Nos outros cômodos do lugar, vigorava um espaço livre, onde rolavam seminários de música e cinema, cursos, debates, palestras, recitais de poesia e música. Havia nossos retratos nas paredes e muitos objetos, pianos velhos, guitarras usadas, em vitrines com velhas fitas cassete e manuscritos.(...) Em resumo, sonhei com um Museu vivo e pulsante, digno de nossos melhores arroubos juvenis. (...) Foi um sonho tão lindo que agora quero me dedicar à sua realização, por saber que um espaço assim, tão generoso e translúcido, concebido sem fins de lucro ou glória

peçoal, vai fazer um bem enorme a muita gente - como matéria de instrução, motivação e memória (Borges *apud* Garcia 2010)^{21 22}

Criado em 2004, com auxílio da Lei Rouanet, o MCE funcionou como um museu virtual ou *webmuseum*²³ com a missão de preservar e divulgar a produção artística e as histórias do Clube da Esquina, realizado em parceria com o Museu da Pessoa²⁴. Seu acervo, composto por fotografias, documentos, vídeos e, principalmente, áudios e transcrições de narrativas registradas a partir da metodologia de História Oral, foi disposto em seu sítio eletrônico na Internet, organizado em seções temáticas (algumas delas denominadas de exposições), devidamente acompanhadas por textos produzidos por uma equipe de pesquisadores. O museu realizou, ainda, ações itinerantes, incluindo uma programação de palestras e apresentações, instalação de placas em locais específicos da cidade de Belo Horizonte, e, eventualmente, pequenas exposições. Tentativas de dar morada institucional à proposta fracassaram²⁵, embora tenham gerado alguns frutos, em especial após parceria firmada com a UFMG (Garcia, 2022). Ainda que não seja objeto deste artigo, cumpre observar que tal iniciativa já se encerrou e não dá sinais de vir a ser reavivada.

A criação de um Bar do Museu do Clube da Esquina responde a seu modo à demanda por um espaço de sociabilidade, na cidade de Belo Horizonte, que refere e reverencia o Clube da Esquina. Fora a inspiração inicial, a conexão com o MCE é inconsistente, por mais que ocorram ali atividades de cunho memorial e que tenham sido aproveitados conteúdos e materiais da já mencionada exposição concebida por Márcio Borges. Salientamos aqui que mesmo que o acervo disposto possa vir a ter um valor patrimonial identificável, não está inserido num contexto que se possa caracterizar propriamente como museológico.

²¹ Citação de: http://www.museudapessoa.net/clube/o_museu.htm. Acesso em 01/09/2010. [link atualmente inativo]

²² Segundo explicação que Márcio Borges mesmo concedeu a Luiz H. Garcia certa feita no próprio bar, a expressão “Museu Clube da Esquina” poderia ser usada como marca sem entrar em conflito com “Clube da Esquina”, evitando disputas no campo do direito autoral.

²³ Em 2001 a 20^a Assembléia Geral do ICOM, realizada em Barcelona, expandiu a categoria museu para incluir os chamados webmuseus. Ver Loureiro, 2004.

²⁴ Formalmente, a parceria foi celebrada entre a Associação de Amigos do Museu Clube da Esquina (AAMUCE) e o então Instituto Museu da Pessoa.Net, e embora o acervo ainda seja acessível, a iniciativa foi encerrada. Atualmente o Museu da Pessoa define-se como “um museu virtual de histórias de vida aberto à participação de toda pessoa”. Disponível em: <https://museudapessoa.org/sobre/o-que-e/>. Acesso em: 23/01/2025.

²⁵ MORENO, Viviane. Sede do Museu Clube da Esquina aguarda decisão. Hoje em dia, 24/06/2010.

Por seu lado, a casa que abrigou o Godofredo e agora o Bar do Museu do Clube da Esquina, permanece praticamente inalterada, à parte recentes reformas pontuais, recebendo, como um palimpsesto, sucessivas camadas de memória coletiva. Essa reflexão sobre permanência da edificação e as mudanças em suas apropriações nos faz lembrar o estudo de Rogério Proença Leite (2007) sobre as ações da prefeitura de Recife no bairro central da cidade e as outras apropriações dessa mesma região por entes privados. O governo municipal tombou e revitalizou os prédios de uma região deste bairro até então negligenciado pelo poder público, mudando os significados territoriais a partir das decorações do lugar e das atividades lá desenvolvidas, voltadas para o turismo e para a criação da ideia de autenticidade pernambucana, o que resultou em certa gentrificação da região e da presença de pessoas pertencentes a um estrato econômico mais alto. Alguns empreendedores, na contramão de tal tendência, começaram a abrir bares que se concentravam em atividades musicais voltadas para públicos alternativos, atraindo pessoas de diferentes estratos econômicos. Esse cenário, embora diferente do fenômeno que analisamos aqui, mostra como convergências simbólicas atuam no processo de territorialização dos grupos no tecido urbano.

Podemos, portanto, constatar o quanto essas atividades todas sinalizaram, independentemente da instituição de um museu, que há um público que identifica tais lugares da cidade ao Clube da Esquina e sua memória. E mais, como se para coroar a perspectiva aqui exposta, neste ano de 2025 uma iniciativa capitaneada pelos músicos Gabriel Guedes e Marcelo Dande tem povoado de artistas e público a própria esquina nas tardes de domingo, em saraus esporádicos que incluem convidados especiais como Lô Borges e Toninho Horta, apresentações espontâneas, incluindo por vezes *jam sessions* envolvendo alguns dos maiores conhecedores do repertório do Clube da cena musical belorizontina. Na esteira do pensamento da geógrafa Doreen Massey, propusemos há bastante tempo compreender a “metáfora da esquina” procurando um sentido global do lugar, “resultado de interações em processo, que não opõe interior e exterior (a ‘esquina’ define e é definida pelo ‘mundo’) e comporta várias identidades” (Garcia, 2007, 192). Retomamos aqui o inventário de significados sobrepostos que os integrantes do Clube, e em sua esteira os que apreciam sua obra, podem lançar sobre esse espaço criado no cruzamento das ruas Divinópolis e Paraisópolis, nas entranhas do bairro de Santa Tereza. Lugar das peladas e rodinhas de violão casuais do jovem Lô Borges, sarcasticamente batizado de Clube

por sua mãe; denominação que o irmão parceiro letrista Márcio virou em lírico e misterioso ponto de encontro na primeira canção que ambos dividiram com Milton Nascimento, para então ganhar a forma de título de um disco duplo emblemático que viria a representar uma síntese das trocas musicais e culturais em torno das quais essa formação de músicos distintíssima se reuniu.

Obra aberta, como a própria esquina onde se pode chegar e partir, como Milton afirma no prefácio do livro de seu parceiro, “O Clube da Esquina continua vivo nas músicas, nas letras, no nosso amor, nos nossos filhos e quem mais chegar” (Borges, 1996, 358). Para “quem mais chegar” é que estão a esquina, os bares, e agora as redes que interconectam as pessoas a partir de registros materiais que remetem a esta entidade lúdica, imaginária, que como vimos aqui evidenciam que a criação ressoa e é ressignificada pelo público e por músicos que chegam e participam de outros encontros e tempos, pois são as pessoas que transformam estes mesmos lugares.

Referências

- Almeida, Patricia de, e Sílvia Cardoso. 2018. “Os lugares de memória no Facebook: Estudo de caso.” In *Centros y Periferias: Confluencia, empoderamiento e innovación en Humanidades*, 25–40. Pontevedra: Editorial Academia del Hispanismo.
- Borges, Márcio. 1996. *Os sonhos não envelhecem: histórias do Clube da Esquina*. São Paulo: Geração Editorial.
- D’Andréa, Carlos Frederico de Brito. 2020. *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Salvador: EDUFBA.
- Garcia, Luiz Henrique A. 2003. “O modal e a modinha: transações musicais brasileiras através da iconografia.” *Cronos* 7: 123–134.
- . 2007. *Na esquina do mundo: trocas culturais na música popular brasileira através da obra do Clube da Esquina (1960–1980)*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Garcia, Luiz Henrique A., e Julianne Paranhos. 2016. “O Museu Clube da Esquina e os lugares da cidade: breve reflexão sobre ações museológicas no espaço urbano.” *Museologia e Patrimônio* 9 (1): 134–152.
- Garcia, Luiz Henrique A., Hudson Leonardo L. Públio, e Isac Daniel Santana. 2022. “Esquina com Abbey Road: a música popular como patrimônio cultural entre lugares, mídias e cidades.”

MusiMid: Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia 3 (1): 62–75.
<https://revistamusimid.com.br/index.php/MusiMid/article/view/86>.

Haas, Guilherme. 2023. “Facebook bate recorde e é usado por quase 40% da população mundial.” *Canaltech*, 27 de julho. <https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-bate-recorde-e-e-usado-por-quase-40-da-populacao-mundial-257462/>. Acesso em 28 de maio de 2025.

Le Goff, Jacques. 2003. “Memória.” In *História e memória*, 419–476. Campinas: UNICAMP.

Leite, Rogério Proença. 2007. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Editora da UNICAMP; Aracaju: Editora UFS.

Loureiro. 2004. “Webmuseus de arte: aparatos informacionais no ciberespaço.” *Ciência da Informação* 33 (2): 97–105.

Oosterbaan, Martijn. 2009. “Sonic Supremacy: Sound, Space and Charisma in a Favela in Rio de Janeiro.” *Critique of Anthropology* 29 (1): 81–104.
<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0308275X08101028>. Acesso em 3 de janeiro de 2025.

Pinotti, Fernanda. 2025. “Meta atualiza políticas de uso para usuários no Brasil.” *CNN Brasil*, 9 de janeiro. <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/meta-atualiza-politicas-de-uso-para-usuarios-no-brasil/>. Acesso em 11 de janeiro de 2025.

Santos, Myrian Sepúlveda dos. 2003. “A construção social da memória.” In *Memória coletiva e teoria social*, 33–92. São Paulo: AnnaBlume.

Thibaud, J. P. 2011. “A Sonic Paradigm of Urban Ambiances?” *Journal of Sonic Studies* 1 (1): 1–14. <https://hal.science/hal-00980746v1>. Acesso em 27 de junho de 2025.

DADOS DO AUTOR

Luiz Henrique Assis Garcia é graduado, mestre e doutor em História pela UFMG, onde é professor do curso de Museologia e do PPG em Ciência da Informação. É um dos coordenadores do grupo de pesquisa ESTOPIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Patrimônio Cultural e criador do grupo de estudos SOMMUS – Som e museologia. É membro da IASPM-AL e do ICOM. Tem trabalhos publicados sobre História da música popular, sobre Patrimônio e História cultural, tendo atuado ainda como pesquisador e curador no Museu Histórico Abílio Barreto (BH/MG). Também é compositor de canções populares.

Lara Prado é museóloga e mestranda em Ciência da Informação pela UFMG, com foco em Memória, Patrimônio e Produção de Conhecimento, com apoio da FAPEMIG. Foi bolsista no Centro de Memórias IFF Itaperuna, contribuindo na produção de um documentário sobre o movimento afro-brasileiro na região. Atuou no Museu Itinerante PONTO UFMG, realizando mediação cultural, organização de eventos e produção de conteúdo digital e audiovisual. Participou da Feira Brasileira de Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas (FEBRAT). Colaborou com o projeto Retratisas do Morro, atuando na restauração físico-química de negativos fotográficos, catalogação e apoio em ações de produção cultural. Participou voluntariamente de uma Iniciação Científica no projeto de ‘Diagnóstico e Planejamento Estratégico para o Aprimoramento da Gestão de Riscos em Espaços da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG’.

Gabriel Barreto é historiador, mestrando em História pela UFMG e músico amador. Foi bolsista de iniciação científica na pesquisa “Materiais da pintura e da escrita no século XVIII” (ECI/UFMG) e pesquisador voluntário na pesquisa “Heitor Villa-Lobos na América Hispânica” (ESMU/UEMG). Fez estágio no TRT/MG, atuando com pesquisas, gestão de acervo e mediação. Já atuou como mediador, também, no Minas Tênis Clube e no Palácio da Liberdade. Atualmente, integra o grupo de estudos SOMMUS – Som e Museologia (ECI/UFMG).

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.